

1

Uma história de vários começos

Além disso, meu filho, fique atento: fazer livros é um trabalho sem fim, e muito estudo cansa o corpo. (*Ec 12,12*)

O Livro dos livros. Assim é também conhecido o livro sagrado do cristianismo. A presença da Bíblia Sagrada nas casas das pessoas nas mais diversas comunidades ocidentais atesta sua popularidade e enorme influência. Sendo um viajante apaixonado de suas páginas, foi cedo que me despertei quanto à possibilidade de investigar esse livro sob a ótica do design.

A história da Bíblia se confunde com a história do livro no ocidente, e, não raro, ela é seu protagonista. No maior país católico do mundo e um dos maiores em número de adeptos da religião cristã, a importância desse livro não poderia passar despercebida. De fato, o Brasil é celebrado como o maior comprador e editor do livro sagrado:

Somando outras pequenas editoras, são mais de 12 milhões de unidades no Brasil, segundo a Câmara Brasileira do Livro - o que faz do País o campeão mundial na modalidade das Santas Escrituras. (CUNHA, 2006)

O mundo financeiro tem acompanhado de perto o contínuo crescimento da sua leitura no mundo. Só nos Estados Unidos, as vendas de livros cristãos e bíblias movimentam anualmente algo em torno dos U\$ 2 bilhões (MERCADO, 2006). No Brasil, em 2003, o mercado de livros cristãos já movimentava R\$ 192 milhões, ainda que não houvesse um dado específico para as bíblias. No entanto, como destaca Vitor Tavares, gerente comercial da Editora Loyola: "A Bíblia é o carro-chefe de qualquer editora católica" (SALANI, 2004). Sua produção no país, entretanto, ainda é restrita às instituições diretamente ligadas à confissão cristã. Tanto para os segmentos protestantes quanto católicos, não há registro de editoras seculares produzindo o livro sagrado¹.

Além de muito vendido, a Bíblia é o livro mais lido no país. Segundo pesquisa da Câmara Brasileira do Livro, referente ao ano de 2000, pelo menos 18% da população respondeu que tinham nas Escrituras a escolha literária mais rotineira.

A despeito das afirmações acerca da secularização das sociedades, o processo de difusão do cristianismo con-

¹ Exceto algumas edições especiais, promocionais ou de luxo. A afirmação refere-se à produção regular comercial.

tinua crescendo a passos largos. Ainda que tenha havido um decréscimo na população declaradamente cristã², os diversos movimentos religiosos pentecostais presentes, tanto na doutrina católica quanto nos segmentos protestantes, mostram que essa religião ainda apresenta significativo crescimento. Uma visita a qualquer centro comercial nas mais distantes cidades do país mostrará a presença de pelo menos uma loja especializada em produtos evangélicos, dos quais, como dito acima, a Bíblia Sagrada é o carro-chefe.

Mais do que um livro, a Bíblia passou a fazer parte do imaginário popular. Imutável, sua configuração se tornou símbolo da religião que representa. Não é surpresa que ao perguntarmos a um cidadão brasileiro qual imagem lhe vem à mente quando falamos em Bíblia Sagrada, a resposta seja a de um livro volumoso, capa preta, bordas douradas e uma fita de marcação. De fato, tornou-se uma figura do nosso folclore o indivíduo trajado formalmente portando um livro nesse formato como a imagem representativa do típico cristão. Ainda que essa imagem esteja mais especificamente associada ao cristão do segmento protestante.

E esse é, de fato, o formato ainda predominante desse livro encontrado nas livrarias. Predominante, mas não único. Há algum tempo ele passou a dividir espaço com outras configurações. Como um assíduo leitor das páginas do livro sagrado, me surpreendi quando, ao contrário de suas finas páginas, emolduradas por capas pretas rígidas ou de couro, tive contato com versões que traziam fotos coloridas nas capas, textos diagramados mais livremente, inclusive com uma leitura mais leve sem as palavras difíceis que compunham o modelo que eu ganhara na infância. Era uma versão do Novo Testamento intitulado “O mais importante é o amor”, publicado então pela editora Mundo Cristão (Figura 2).

Aparentemente, uma nova mudança estava acontecendo. A Bíblia não estava mais submissa às tradições gráficas que durante tanto tempo delinearão suas páginas. Havia algo de simpático, acolhedor naquele livro. Não tardou para que essa evolução ultrapassasse a simples adequação a uma linguagem mais popular e passasse a buscar atender públicos específicos com suas versões adequadas para jovens, mulheres, idosos, cegos etc.

Não era a primeira vez que as Escrituras sofriam mudanças para adequar-se ao seu público fiel, mas havia um longo tempo em que tais transformações ocorriam de forma tímida e bastante localizada³. Foi quando senti necessidade



Figura 1 . As três primeiras imagens encontradas nos principais sites de busca na Internet ao digitar-se “*bible clipart*”. Esse tipo de desenho, ao simplificar as imagens reafirma a idéia comum que se tem da Bíblia Sagrada.



Figura 2 . Página do Novo Testamento “O mais importante é o amor”, de 1972.

² Dados do censo demográfico do IBGE em 2000 mostram que ainda que haja uma queda relativamente brusca entre os que se declaram católicos, ela é balanceada pelo aumento dos que se declaram protestantes. De 1991 a 2000, o número de pessoas que se declaram sem religião aumentou de 1,6% para 7,4%. No entanto, enquanto o número de católicos decresceu de 83,3% para 73,8% da população, os evangélicos aumentaram de 9% para 15,4%, o que diminuiu, de fato, a taxa de queda entre os cristãos. (Fonte: IBGE - Censo demográfico 2000)

³ Cf. 4.2. (p.147)

de entender o que havia acontecido para proporcionar essa nova intensificação nas mudanças gráficas.

Tecnologicamente, a produção gráfica nacional já havia alcançado, com alguma antecedência, excelência suficiente para desenvolver projetos gráficos mais ousados. Tão intrigante quanto descobrir o que levou a Bíblia a quebrar tão intensamente seu tabu gráfico, era entender o que fez seus usuários receberem tão bem essa novidade.

Das transformações percebidas, a mais radical não demorou tanto a chegar ao livro sagrado. Enquanto ainda percorria os primeiros passos nas janelas da Internet, eu descobrira a possibilidade de ler, ali na tela do computador, os versículos bíblicos com os quais eu estava acostumado a ler impressos em minhas mãos. Era o *website* “*Bíblia World*” da UOL (Universo Online) com um link para a Bíblia Sagrada na tradução protestante de João Ferreira de Almeida⁴.

Transposto o livro sagrado para o mundo digital, passei a investigar sobre os recursos que foram adquiridos a partir de tais mudanças e não foi difícil descobrir que a Bíblia já havia ganhado uma versão em cd-rom para uso nos computadores pessoais, sem a necessidade de uma conexão à rede. A comparação entre essa nova mídia e o livro impresso foi inevitável, ainda que esbarrasse em preconceitos técnicos já cristalizados, dos quais o transporte e manuseio do objeto eram os mais significativos. Mas esse também seria derrubado no momento em que descobri mais de uma dezena de possibilidades de ler a Bíblia nos pequenos *e-books* e *palmtops*.

A questão não só se repetia como ganhava novos moldes. Não demorou muito, desde os primeiros textos clássicos descobrirem o espaço na mídia digital, para a Bíblia encontrar ali também o seu suporte. Segundo Charles Ess (2004), já na década de 1950 se elaboravam estudos de concordância bíblica nos primeiros computadores, enquanto na década de 1980 a sua comercialização em cd-rom era relativamente comum. No Brasil, a partir de 1996 era possível encontrar a Bíblia na Internet, tanto nas versões católicas quanto protestantes⁵

Nesse momento, a idéia de que a Bíblia, enquanto objeto, possuía uma significação sagrada havia sido posta em xeque. Ela passava também a fazer parte das discussões acerca das transformações do livro impresso para o digital. E, assim como os demais de seu gênero, o livro sagrado

⁴ Atualmente o site apresenta a Bíblia em sete idiomas e seu acesso evoluiu significativamente. Disponível em: <<http://bibliaworldnet.uol.com.br/>>

⁵ A Apeb (Associação para Promoção do Ensino Bíblico, de origem evangélica) alega ter sido a primeira a disponibilizar o livro sagrado na rede, embora seja difícil atestar tal afirmação, uma vez que não existe um controle sobre o que entra ou sai do ar na Internet. A versão católica mais antiga que pudemos verificar é a Bíblia On-line Douranet, de 1998. Mas como afirmamos, publicações mais antigas podem ter surgido e já saído do ar.

estava à mercê das interpretações sobre seus novos significados nesse suporte.

A definição do tema com o qual eu trabalharia se deu definitivamente no momento em que li, não muito depois dessas percepções, o desafio de Roger Chartier (1999, p. 91) sobre a questão:

Eu não sei se uma reflexão teológica se desenvolveu no mundo do texto eletrônico, mas ela seria absolutamente apaixonante, ao lado de uma reflexão filosófica ou de uma reflexão jurídica.

A proposta inicial da pesquisa se concentrou no problema sobre a possibilidade ou não da passagem dos valores de sacralidade intrínsecos ao suporte impresso para o digital. Ela se baseava no pressuposto de que a natureza sagrada do livro estava relacionada também a alguns de seus aspectos visuais, dos quais a composição tipográfica e a produção gráfica seriam os mais relevantes. Assim, o formato visual clássico da Bíblia seria um agente direto na construção do significado de sagrado e qualquer modificação mais radical, do qual a digitalização seria decisiva, alteraria sua sacralidade imediatamente.

Essa proposta, entretanto, encontrou diversos obstáculos, primeiramente no que tange à relação entre forma e sacralidade. Pude concluir que, mesmo que se possa falar de um “formato clássico”, visto que esse segue algumas condições gráficas gerais, as várias edições da Bíblia podem sofrer alterações na sua microestética⁶ cuja análise, além de demasiada extensa, exigiria o estudo em um universo muito extenso na medida em que pudessem participar usuários que tivessem contato com cada exemplar disponível.

Outro obstáculo surgiu quando, durante o andamento da pesquisa, percebi que a mudança gráfica, por si somente, não chegava a afetar a noção de sacralidade do objeto, uma vez que essa não estava relacionada à sua natureza física, mas ao conteúdo que ela trazia. Alguns dados apontaram para a noção de que a idéia de sacralidade se configurava de natureza fenomenológica na qual a “Palavra de Deus” é sagrada, mas sua manifestação escrita apenas “está” sagrada no momento da leitura. E não houve nenhum impedimento encontrado para que essa “Palavra” se manifestasse em suportes de qualquer natureza: impressa ou digital. Resolvi não seguir adiante na busca por diagnosticar esses apontamentos, uma vez que entender como traduzir a relação dos usuários frente à nova mudança que surge, do ponto de vista dos valores que correspondem ao sagrado, exigiria abordagens no âmbito social, cultural, teológico e psicológico que iriam muito além dos aspectos gráficos a que se propõe o escopo dessa pesquisa.

⁶ Termo utilizado por W. Kunz (2002) e que se refere a uma das escalas nos quais o “design tipográfico se materializa”. Essa, que se completa com a macroestética, abrange o estudo dos detalhes visuais que compõem um produto gráfico.

Apesar dessas constatações, permaneciam algumas questões não totalmente resolvidas. Ainda se trata de um livro sagrado. Seu uso está além da simples leitura antes de dormir ou sobre a mesa de uma escola. Como já foi dito, ela é um dos símbolos mais presentes na religião cristã. Sua presença é relacionada por seus fiéis como a própria presença de Deus. Metáforas como “A Palavra”, “Espada”, “Escudo”, “Lâmpada” e outras demonstram como sua existência física não se restringe à idéia de suporte de uma mensagem religiosa. Mais do que o uso individual, as Escrituras são “ferramentas” indispensáveis ao cristão na propagação da Palavra de Deus no pensamento de São João Crisóstomo (Zimmer, 2006, p.119). Mesmo Chartier levanta a discussão sobre a possível profanação dos textos sagrados quando surge a permissão tecnológica, nas versões digitais, de inserir textos pessoais no original publicado.

O leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado. Ele pode intervir no coração, no centro. Que resta então da definição do sagrado, que supunha uma autoridade impondo uma atitude feita de reverência, de obediência ou de meditação, quando o suporte material confunde a distinção entre o autor e o leitor, entre a autoridade e a apropriação? (CHARTIER, 1999, 91)

Mesmo que todas as transformações – impressas e digitais – possuam relações diretas com as evoluções tecnológicas na reprodução dos textos, não se pode desprezar as questões envolvidas no âmbito religioso. Pontuando-se algumas situações especiais, é marcante a influência do novo pensamento religioso, trazido pelo cristianismo, na formatação do suporte de textos que ocasionou a mudança do rolo para o então revolucionário códice. Do mesmo modo, as Reformas Protestantes do século XVI tiveram um papel fundamental na difusão da nascente tecnologia de impressão de livros. Todas essas mudanças, no entanto, vieram acompanhadas de vasto repertório de elementos significantes que sustentaram a autonomia da Bíblia como o seu livro sagrado.

Assim, pode constatar que, apesar de as possibilidades tecnológicas muitas vezes permitirem novas adequações nos formatos e usos dos diversos suportes, não é possível desconsiderar, do ponto de vista da assimilação por parte do usuário, as questões subjetivas que determinam as características do livro. A passagem da Bíblia do formato impresso ao digital, apesar de possível tecnologicamente, somente poderia almejar alguma sacralidade se antes ela permitisse a assimilação pelo usuário. Em outras palavras, o cristão precisaria perceber que na tela do seu computador se apresenta a Bíblia propriamente dita e não sua mera reprodução digital.

Durante a pesquisa encontrei diversos exemplos em que o usuário percebe na sua tela apenas um reflexo da Bíblia. Mesmo que os textos sagrados estejam ali, eles estão reproduzidos como uma caricatura, impedindo uma possível sacralização desse objeto. Há outros casos, no entanto, em que pude perceber que a Bíblia conseguiu assimilar-se de

tal modo que parecia ter sido criada desde o princípio para esse fim. Certamente os motivos para essa diferenciação estavam no âmbito de sua representação gráfica, uma vez que era no nível da compreensão visual que elas ocorriam. Passei então a questionar quais seriam esses motivos e em que aspectos a representação gráfica seria participante dessas assimilações.

De fato, pude verificar que em grande parte das discussões sobre o livro digital, em geral está se falando do livro desenvolvido para sua leitura nas telas dos computadores. Muitos exemplares desenvolvidos para saída impressa, quando transpostos para o ambiente digital, migram-se apenas os textos com as mesmas configurações de leitura que teriam no papel. Os recursos hipermediáticos da tecnologia digital são totalmente abandonados, forçando o leitor a fazer comparações desproporcionais entre a leitura no computador e no impresso. Por isso, se questões como legibilidade ou portabilidade entre os suportes forem as únicas a serem levantadas, não há justificativa aparente que sustente a mudança de formato.

Este trabalho busca defender a hipótese descritiva de que a Bíblia, ao contrário dos demais livros impressos, possui características desenvolvidas ao longo de sua história que determinam outra relação de leitura permitindo que, na sua passagem para o ambiente digital ela seja totalmente assimilada por essa nova tecnologia, inclusive no que se refere às questões tecnológicas envolvidas. Essas características apresentam-se no aspecto da sua interface gráfica, da qual o designer atua como agente direto na sua configuração. O que antes era restrito aos ofícios dos “*scriptoria*”, agora ganha espaço entre os escritórios de design gráfico.

Duas variáveis se apresentam na formulação dessa hipótese. A primeira é uma variável dependente e relaciona-se ao fato de que a construção da hipertextualidade na estrutura narrativa da Bíblia deve ser consequência de aspectos gráficos desenvolvidos ao longo de sua evolução histórica. A outra variável é independente na medida em que se fundamenta em como essa hipertextualidade é responsável pelo modo como se dará a representação gráfica da Bíblia eletrônica e sua consequente assimilação à tecnologia digital.

O trabalho apresenta dois objetivos principais, dos quais o primeiro é demonstrar como um estudo dos elementos visuais que constituem a Bíblia impressa determinam a sua leitura hipertextual, tomando-se por parâmetro os conceitos de hipertextualidade narrativa desenvolvidas para o meio digital.

O outro objetivo é demonstrar como essa hipertextualidade do formato impresso é o elemento chave na determinação gráfica da interface do livro digital pela qual se dará a perfeita assimilação da Bíblia nesse novo suporte.

Na primeira parte deste estudo apresento uma breve definição sobre o conceito de Bíblia que é trabalhada em toda a pesquisa. A trajetória da evolução da Bíblia a partir da transmissão oral até os primeiros suportes, que demonstrarei em seguida, tem como objetivo apresentar como as evolu-

ções de formato se relacionam em nível de causa e efeito das transformações culturais do povo bíblico. Durante todo o processo histórico mantenho como foco os aspectos que determinarão a hipertextualidade nas versões atuais, assim, embora muitos momentos importantes e interessantes que se apresentam na história do Livro Sagrado ficam em segundo plano, na medida em que desviam o objetivo principal.

Na segunda parte determino os aspectos de hipertextualidade na Bíblia impressa. Remontando a algumas informações do capítulo anterior, nessa parte apresento, a partir de análises do objeto impresso, os elementos que conferem essa característica, algumas vezes apontada como específica do ambiente digital, ao Livro dos livros desde sua ancestralidade.

Na última parte do trabalho analiso alguns exemplares da Bíblia em formato digital. Ela é introduzida por uma seção em que se especifica a metodologia e o referencial teórico adotado na pesquisa. Faço, então, um estudo comparativo entre as principais versões em *cd-rom* encontradas no mercado, tomando por parâmetro a Bíblia impressa nas versões clássica e de estudo. O fechamento aponta como se comportam alguns aspectos da hipertextualidade impressa quando transposto ao ambiente digital.

Como é possível observar, optei por não elaborar um capítulo específico sobre os aspectos metodológicos da pesquisa. Uma vez que faço duas análises, escolhi adotar procedimentos específicos em função dos objetivos apontados anteriormente. Assim, tanto os procedimentos metodológicos quanto os referenciais teóricos que fundamentam as análises são explicitadas no interior dos capítulos, quando necessários.

Ainda que seja claro que a Bíblia Sagrada, nos vários formatos, é o objeto principal de estudo, é importante salientar que existem profundas diferenciações entre os tipos de Bíblias, tanto nas diversas vertentes do Cristianismo no mundo quanto no seu percurso histórico. Descrevo as mais importantes na medida em que se desenvolvem os argumentos, mas considero fundamental destacar de início que trato principalmente daquelas versões predominantes no Brasil e que são de uso das igrejas cristãs de presença mais significativa no país. Essas compõem, por um lado, o grupo das igrejas evangélicas e, de outro, a Igreja Católica Apostólica Romana.

Alguns termos adotados neste estudo não são familiares ao universo do design e precisam ser esclarecidos. Tidos como de senso comum, alguns são resultados de momentos específicos na história da Igreja. Esse é o caso do termo “evangélico” tomado muitas vezes como sinônimo de protestante. Seu uso não é adotado nesta pesquisa, ainda que represente um movimento significativo deste segmento cristão no Brasil. Ele surge a partir dos movimentos “*evangelicals*”⁷ adeptos do conservadorismo protestante que desejavam afir-

⁷ Berger (2000) sugere que os evangélicos se diferem, em relação às práticas, aos *evangelicals* norte-americanos. Mas não questiona a propriedade em torno da origem do termo.

mar a sua fidelidade ao Evangelho e não à Ciência ou à Razão humana⁸. No Brasil, a Aliança Evangélica Brasileira é fundada no início do século XX, sendo um marco do movimento chamado evangélico no país⁹. Aos poucos, o termo deixou de se relacionar estritamente àquele movimento e passou a identificar, na América Latina, todos os segmentos cristãos não-católicos. Por outro lado, muitas pesquisas acadêmicas ainda mantêm, em grande parte, o uso do termo original “protestante”. Por este motivo preferi usar este último termo para a designação de todos os segmentos cristãos ligados aos movimentos reformadores do século XVI. Outros termos específicos dos estudos teológicos e sociológicos serão usados e devidamente esclarecidos durante a pesquisa.

Um fator importante a esclarecer, referente às normas bibliográficas da ABNT, é que não há indicações específicas para citações de passagens bíblicas, assim como suas referências. Por isso optei, nesses casos, seguir as orientações e normas para trabalhos científicos na Faculdade de Teologia da Puc-RS (HAMMES, 2006), às quais tive acesso e verifiquei serem as mesmas adotadas em diversas publicações acadêmicas de cunho teológico. Desse modo, os livros Bíblicos serão apresentados por sua abreviatura em itálico seguidos pela indicação do capítulo, acompanhado, após a vírgula, do intervalo dos versículos. Por exemplo, o trecho entre o sexto e o décimo versículos, do sétimo capítulo do livro de Jeremias será apresentado na forma: *Jr 7, 6-10*.

O design gráfico tem à sua frente um universo enorme de pesquisa no que se refere ao campo das produções visuais no meio religioso. Não são poucos os campos de estudo que têm sido abordados pelos pesquisadores dos mais variados campos científicos. Há muito tempo que cientistas da religião e teólogos passaram a dialogar com historiadores, antropólogos, sociólogos e psicólogos. Da mesma forma, não é tão recente a inclusão nos estudos dessa área dos arquitetos, artistas plásticos, pedagogos e comunicadores sociais. A partir desta pesquisa, espero estar, junto a outros pesquisadores da área, situando o design nesse segmento que não somente movimenta a economia do país, mas principalmente é determinante na sua caracterização cultural.

Ler a Bíblia faz parte da minha vida, projetar livros é minha paixão, pesquisar sobre o Livro dos livros como designer é minha grande realização.

⁸ Ricardo Mariano (1999) sugere outra origem, relacionada aos *evangelicals* norte-americanos, mas o mesmo não desenvolve o tema, destacando seu uso somente para a designação genérica, na América Latina, a todos os não-católicos.

⁹ São diversas as propostas de classificação para os segmentos protestantes. Não caberia aqui entrar no mérito da discussão uma vez que, em relação ao objeto de nossa pesquisa, a Bíblia Sagrada, há uma uniformidade conceitual que só se difere em relação aos católicos e a algumas seitas de natureza protestante.